

Tempo e história em Maquiavel

Time and History in Machiavelli

Marcos Antonio Lopes*

Resumo

Este artigo é uma análise de aspectos históricos da obra de Maquiavel. É dada ênfase à sua concepção do gênero *Historia magistra vitae*, derivada de conceitos como "natureza humana" e de noções como "tempo cíclico". O texto pretende demonstrar que ele preservou e valorizou o gênero de história fundamentada nos *exempla*. No mesmo sentido, afirma-se que a história maquiaveliana atesta a identificação do autor com valores culturais do passado, em contraste com sua moderna concepção de ação política.

Palavras-chave: Pensamento político; Pensamento histórico; Maquiavel; Intelectuais e Poder

Abstract

This article is an analysis of historical aspects of the work of Machiavelli. Emphasis is given to its conception of the genre *History magistra vitae* derived of concepts as human nature and of notions as recurrent time. The text intends to demonstrate he preserved and raised history genre based in the *exempla*. In the same sense, it is affirmed that the history of Machiavelli attests the author's identification with cultural values of the past, in contrast with its modern conception of political action.

Keywords: Political Thought; Political History; Machiavelli; Intellectuals and Power

O resultado é que os que se dedicam a ler a história ficam limitados à satisfação de ver desfilar os acontecimentos sob os olhos sem procurar imitá-los, julgando tal imitação mais do que difícil, impossível. Como se o sol, o céu, os homens e os elementos não fossem os mesmos de outrora; como se a sua ordem, seu rumo e seu poder tivessem sido alterados.

Maquiavel (*Discursos*)

* Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina. Doutor em História pela USP, publicou *Para ler os clássicos do pensamento político: um guia historiográfico* (Editora FGV), *Voltaire historiador* (Papyrus), *Voltaire literário* (Imaginário), *O político na modernidade* (Loyola), *O absolutismo* (Brasiliense), *A imagem da realeza* (Ática), dentre outros títulos sobre as relações entre os intelectuais e o poder político. É organizador das obras coletivas *Grandes nomes da História Intelectual* (Contexto) e *Fernand Braudel: Tempo e História* (Editora FGV).

Que não cause espanto o fato de que, ao falar de novas conquistas, tanto com respeito ao príncipe como em relação ao Estado, se traga à baila tantos exemplos: na verdade, os homens seguem quase sempre os mesmos caminhos já percorridos por outrem, agindo de forma imitativa.

Maquiavel (*O Príncipe*)

Por muito tempo se acreditou que o conhecimento das ações passadas poderia servir como bússola de conduta dos homens no presente. O modelo da história fundamentada nos *exempla* persistiu por séculos e, às vezes, é invocado ainda hoje. Do tempo de Tucídides à era de Voltaire, esta tradição constituiu-se em elemento de base da cultura ocidental. Muitos autores – entre os quais Cícero, Plutarco, Maquiavel, Montaigne – refletiram sobre a história e a política focando as ações humanas por este prisma. Mas, nos dias que correm, esta é uma concepção já bastante desgastada, sem o vigor normativo que caracterizou o gênero por tantos séculos. Em nosso tempo, a história como mestra da vida sobrevive apenas como elemento residual na superfície rasa de um senso comum quase sempre mecânico e irrefletido. Isto porque não cremos mais numa natureza humana imutável, idêntica a si mesma em todos os tempos. Contudo, a idéia desperta a curiosidade histórica, sobretudo porque revela aspectos de climas intelectuais que ficaram congelados no tempo, como é o caso da literatura espelho de príncipes, e como também é o caso da célebre e hoje exótica teoria do direito divino dos reis, bem como de uma série de outros temas ‘sobrenaturais’ ao olhar contemporâneo.

A análise de noções hoje largamente superadas por nossa cultura política democrática e secularizada, em relação com o seu meio ambiente, é um exercício intelectual difícil e cheio de riscos. Sheldon Wolin nos lembra que, como outras formas de discurso, a teoria política é significativa unicamente quando é inteligível. Para ele, a inteligibilidade das idéias de um teórico depende de que ele preste tributo às convenções tácitas de sua época, mesmo quando se propõe explorar seus limites exteriores.¹ Isto para dizer que, nesta análise,

¹ Cf. Sheldon Wolin. Maquiavelo: actividad política y economía de la violencia. In: —, *Política y perspectiva*. Continuidad y cambio en el pensamiento político occidental. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1973.

não nos chamará tanto a atenção a transhistoricidade das idéias do grande autor, aqueles elementos que, no dizer de Claude Lefort, colocam leitores em movimento muitos séculos após sua obra ter sido concebida. Ora, as dimensões fósseis dos clássicos – aqueles temas que os nivelam aos autores menores – também nos parecem objetos muito dignos de reflexão. Então, Maquiavel e tantos outros pensadores podem ser provocativos como autênticos mestres do passado, no sentido mais literal da expressão: o de permitir a inteligibilidade de dimensões pouco usuais e seguramente menos atuais do pensamento político quando focadas em seu lugar de elaboração.

Assim é que uma abordagem do pensamento político em perspectiva histórica talvez tenha o mérito de conceder aos aspectos datados, presentes na obra dos mestres do passado, uma pertinência temática que normalmente não é reconhecida, haja vista que tais aspectos quase sempre são ofuscados pela onipresença das virtudes que os tornam ainda vivos para nós. Entretanto, estas obras canônicas – os clássicos –, apesar da dignidade superior que se lhes concede com inteira justiça, não foram também a expressão de ideais e crenças de seres humanos comuns? Se assim é, e não poderia ser diferente, torna-se interessante conhecer determinados elementos que fazem os autores clássicos se equipararem ao homem médio de seu tempo ou, como disse um eminente historiador – Jacques Le Goff –, saber o “que César e o último soldado de suas legiões, São Luís e o camponês de seus domínios, Cristóvão Colombo e o marinheiro de suas caravelas têm em comum”, na esfera dos usos e costumes e no plano mais geral do sistema de crenças.²

Naturalmente, não se trata aqui de empreender uma história à *la mentalités*, como a proposta por Le Goff. Para tanto, seria necessário incluir em seu universo temático representações sociais que, se estão imbricadas às idéias políticas, extrapolam o seu campo de estudos. Uma história à moda de Le Goff acarretaria a inclusão de referências empíricas muito distintas dos ‘sistemas formais de pensamento’, que utilizamos como base documental predominante para uma

www.elsite.com.br

² Jacques Le Goff. As mentalidades: uma história ambígua. In: — et alii. (Orgs.). *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 71.

história das idéias. Mas, é certo que um gênero de escrita da história não se define pura e simplesmente pela natureza da documentação que emprega. A forma de abordagem também é importante. Neste nível, é sempre possível 'importar' aspectos teóricos de campos disciplinares limitrofes, quando eles se mostrem fecundos e não se revelem incompatíveis. Sendo assim, uma história social do pensamento político pode incluir, em seu inventário de temas e problemas, aqueles aspectos culturais que envolvem as idéias e que, envolvendo-as, misturam-se a elas. Entretanto, com Quentin Skinner, é preciso afirmar que "... se temos em mira compreender sociedades anteriores à nossa, precisaremos recuperar suas *mentalités* de dentro, da forma mais empática possível".³ Por "*mentalités* de dentro" devemos compreender muito antes o domínio das regras do discurso que apontam para uma teoria da ação política, o que nos leva à compreensão de diversas dimensões das representações sociais do mundo da política, do qual fizeram parte os grandes e os pequenos personagens do passado.

A história da teoria política, salvaguardando-se os traços que representam os focos de fissura com seus aspectos tradicionais – as ditas inovações e rupturas de paradigmas –, é uma vasta e complexa tapeçaria, um grande palimpsesto sobre o qual se sobrepõem muitas camadas de continuidade. O caso Maquiavel é suficientemente exemplar. Sua imagem foi satanizada ao longo dos séculos como exemplo de impiedade, velhacaria e tudo o mais. Na Inglaterra elizabetana a expressão "Old Nick" – o "Velho Maquiavel" – equivalia a identificar suas idéias com algo de extrema negatividade. E assim foi através dos tempos. Contudo, existem comentadores de seu pensamento que afirmam existir uma importante base de sentimentos e imagens religiosas em seus textos, sobretudo quando se foca sobre o tema da unidade nacional italiana. Sem dúvida, Maquiavel acreditou que o cristianismo era boa religião. Para escravos, bem entendido. Mas ele não negava a santidade dos santos e terminava suas cartas de embaixadas com as exortações religiosas típicas de seu tempo. Em seu estudo sobre o Renascimento na Itália Peter Burke nos diz que, "Nos escritos do

³ Quentin Skinner. A contribuição de Maquiavel. In: —. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 11.

período, Deus estava de fato em quase toda parte. (...) Até Maquiavel termina uma carta a sua família com 'Que Cristo zele por todos vocês'. (...) É curioso pensar em Maquiavel no púlpito, mas ainda hoje é possível ler a 'exortação à penitência' que ele proferiu na Irmandade da Piedade, em Florença".⁴

De mais a mais, Maquiavel deu continuidade a outros elementos do pensamento político tradicional, como é o caso das metáforas orgânicas e naturais, além de uma concepção muito peculiar da história que, a rigor, tem muito pouco de atual: "A própria idéia de Renascimento depende da convicção de que a história se move em ciclos e emprega a linguagem orgânica de 'nascimento'. Essa 'mentalidade orgânica', como a chamamos, tão generalizada como era, encontrou uma oposição direta somente no século XVII, em Descartes, Galileu, Newton e outros 'filósofos naturais'".⁵ Nos *Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio* ele reconhece valor incontestável às profecias e às ocorrências inexplicáveis – os *mirabilia*. Sem no entanto imiscuir-se no campo das predições, território que reconhece não ser o seu, ele reflete: "Pode ser que os ares – como pensam alguns filósofos – estejam repletos de inteligências celestiais que, pela sua natureza, conheçam o futuro; movidas de piedade pelos homens, os avisam para que se possam preparar e defender. De qualquer forma, é fato que, depois desses prodígios, os impérios sempre sofreram transformações extraordinárias e inesperadas."⁶

Sem dúvida, estamos diante de um traço inequívoco da vinculação maquiaveliana com a cosmologia renascentista. É bom dizer que a presença destes aspectos inatuais não desmerece ou barateia a sua obra. Antes até pelo contrário: valorizam-na pela perplexidade que despertam em nós, pela curiosidade que nos leva a 'forçá-la' naqueles pontos mais estranhos e mais bem guardados do olhar de uma já muito distante posteridade. Por este ângulo, não se pode apontar a ausência da idéia de progresso, por exemplo, seja em *O Príncipe*

⁴ Peter Burke. *O Renascimento italiano*. Cultura e sociedade na Itália. São Paulo: Nova Alexandria, 1999. p. 216-249.

⁵ Id., ib., p. 241.

⁶ Maquiavel. *Comentários sobre a Primeira Década de Tito Lívio*. Brasília: Editora UnB, 1979. p. 179s.

ou nos *Discursos*, da maneira como o fazem historiadores da expressão de J. P. Mayer e I. Berlin.⁷ Este tipo de visada sobre os textos maquiavelianos leva a crer que a ausência de certos temas constituiu-se em falha ou limitação do autor. Ora, ao invés de uma opção mais ou menos consciente pelo anacronismo é preferível enveredar na trilha do sentido do impossível, pontuando as evidências culturais que, no tempo de Maquiavel, bloqueavam a noção de progresso, da forma como a compreendemos desde o Iluminismo.

A este respeito não é demais recordar o velho imperativo metodológico que parece estar ainda em plena forma, e que foi proposto por Ranke no já distante século XIX, quando de suas investidas contra o idealismo hegeliano: é preciso descrever a realidade como ela foi, ainda que não *exatamente* como ocorreu, acrescentamos. De fato, o historiador deve renunciar às projeções de seus próprios valores no tempo, o que parece ser um comércio 'ilegal' de idéias. *Sine ira et studio*, já dizia o velho Tácito. Mais acertada será a atitude de se vincular a seu objeto procurando identificar as maneiras peculiares segundo as quais os indivíduos viveram, por mais excêntricas e bizarras que possam parecer hoje. É por este ângulo que poderemos identificar mais amplamente as singularidades dos pensadores políticos, naquelas zonas de obscuridade em que eles se emparelham aos homens comuns de seu tempo. Então, sem nunca negligenciar as inovações e rupturas realizadas pelo inventor da Ciência Política moderna, é este Maquiavel 'tradicional' e 'conservador' plenamente integrado às convenções de sua cultura o que nos chama mais a atenção neste artigo.

A leitura de *O Príncipe* pode ser um processo dinâmico e agradável. Sem dúvida, a abordagem diacrônica que o historiador Maquiavel dá à narrativa de processos políticos, com os seus *exempla* extraídos da história de vida de graves personagens, é um charme e um atrativo a mais em seus textos.⁸ Não há dúvida. Nos *Discursos* ele faz a seguinte profissão de fé em seu método de historiador: "Resol-

⁷ Cf. J. P. Mayer. *Florença y Maquiavelo*. In: —. *Trayectoria del pensamiento político*. México: FCE, 1985 e; I. Berlin. *La originalidad de Maquiavelo*. In: —. *Contra la corriente. Ensayos sobre historia de las ideas*. México: FCE, 1992.

⁸ "Maquiavel é um mestre na arte da retórica: conhece os clássicos e sabe muito bem que um exemplo, uma história ou um relato valem mais que qualquer argumentação...". M. Viroli. *O sorriso de Nicolau*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. p. 92.

vido a salvar os homens deste erro, achei necessário redigir, a propósito de cada um dos livros de Tito Lívio que resistiram à injúria do tempo, uma comparação entre fatos antigos e contemporâneos, de modo a facilitar-lhes a compreensão. Deste modo, meus leitores poderão tirar daqueles livros toda a utilidade que se deve buscar no estudo histórico”.⁹ Mas, como afirma De Grazia, “A leitura da história não deve ser por prazer nem mesmo por admiração. O objetivo deveria ser a utilidade”.¹⁰ Este controle do curso da história é possível, acredita Maquiavel, porque a natureza humana é sempre a mesma, em todos os tempos.¹¹ Para isto basta que se tomem atitudes em conformidade com os *exempla* da história, segundo a tradição tornada célebre por Tucídides em sua *História da Guerra do Peloponeso*.¹²

O historiador de Florença afirma categoricamente que a comparação do passado com o presente leva-o à conclusão de que as mesmas paixões e os mesmos desejos dominam os homens em todas as cidades e em todas as nações. Neste nível de análise, não há por parte do autor um domínio teórico capaz de diferenciar o valor qualitativo do tempo histórico, no sentido de apreensão da alteridade. O tempo da história é percebido por Maquiavel como uma espécie de bloco monolítico a girar sobre um único eixo. Ao observador atento dos acontecimentos passados tornar-se-ia tarefa fácil o domínio sobre a realidade efetiva,¹³ bastando aplicar os instrumentos de comprovada eficácia já utilizados pelos antigos. Há, inclusive, a possibili-

⁹ Maquiavel. Op. cit., p. 18. O historiador inglês B. Haddock extraiu dessa concepção típica que se desenvolveu na Renascença a seguinte reflexão: “Tanto os primeiros humanistas do Renascimento, com os seus postulados morais ciceronianos, como Maquiavel, com as suas máximas prudenciais, pressupunham que as lições da história podiam ser analisadas até à essência e apresentadas de forma abstrata. A história existia para ensinar sabedoria moral ou política, transmitindo idéias que eram consideradas verdadeiras em referência a critérios não históricos”. B. Haddock. *Uma introdução ao pensamento histórico*. Lisboa: Gradiva, 1989. p. 25.

¹⁰ S. De Grazia. O espelho do príncipe novo. In: —, *Maquiavel no inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 298.

¹¹ Kenneth Minogue observa que no tempo de Maquiavel “O julgamento político (...) é uma opção entre possibilidades finitas. Essa visão assume que a natureza humana é fixa; e foi desafiada, especialmente nos tempos modernos, pela visão de que os seres humanos são sempre produto de sua sociedade. K. Minogue. *Política: uma brevíssima introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 28.

¹² “Maquiavelo llega a esta madurez de reflexión sublimando las ‘lecciones’ de los antiguos, es decir, presuponiendo la sustancial inmutabilidad de la naturaleza humana tal como aparecía ya em sus historias e identificando las normas vitales de su existencia civil”. R. Romano & A. Tenenti. *Los fundamentos del mundo moderno*. Madrid: Siglo XXI, 1972. p. 155.

¹³ “Percebe-se que, para ele, *efetivo* significa *eminente* *útil*”. De Grazia, Op. cit., p. 294. Grifos de De Grazia. Na avaliação de I. Berlin, “Cualquier cosa que conduca a la ineffectividad política es condenada por él”. I. Berlin. Op. cit., p. 108.

dade de flexibilização deste expediente, pela utilização de instrumentos novos, se parecerem adequados a semelhantes conjunturas.

Naturalmente, estamos diante de uma concepção de *Historia magistra vitae*, muito cultuada pelos humanistas da Renascença italiana, mas não apenas por estes. Naturalmente, esta visão da história teve de dividir espaço com outras concepções. Como recorda K. Pomian, não há nada de espantoso em que as relações entre o tempo cíclico e o tempo linear se tornassem, nos séculos XVII e XVIII um núcleo de controvérsias e um problema para quem quisesse alcançar uma perspectiva cronosófica global e coerente.¹⁴ Aliás, esta é uma maneira de focar a história que alcançou o século XVIII com grande vigor.¹⁵ As enunciações do enfoque da história baseada nos *exempla* do passado e do presente são por demais recorrentes em Maquiavel. O texto introdutório dos *Discursos* traz uma excelente condensação da *Historia magistra vitae* que ele praticou.¹⁶ Acerca da possibilidade de tomar a história como guia seguro das ações políticas, Maurizio Viroli considera que "ele se vale da história como mestra da vida e da sabedoria política e indica aos governantes florentinos o exemplo da antiga Roma republicana".¹⁷

Mas, se existem evidências de que o tempo histórico em Maquiavel tende a realçar elementos "coagulantes" que imobilizam aqueles elementos dinâmicos responsáveis pelas transformações, é certo que a sua história não nega o movimento. Contudo, este movimento ocorre numa dimensão de tempo que não é linear. Mas a sua história é dinâmica, tão dinâmica que causa vertigem, porque rola sobre eixos circulares com vistas a fins pragmáticos. Sob este aspecto,

¹⁴ Cf. K. Pomian. *L'ordre du temps*. Paris: Gallimard, 1984. p. 53. Ao longo da Época Moderna esta concepção do tempo não foi exclusiva, mas certamente predominou por um longo período, sendo derrotada, ou superada, nos finais do século XVIII. K. Pomian avalia sua importância ao notar que "sont précisément les rapports entre le temps cyclique et le temps linéaire qui se trouvent au centre de la querelle des Anciens et des Modernes". K. Pomian. Op. cit., p. 53.

¹⁵ Cf. R. Koselleck. *Le futur passé. Contribution à la sémantique des temps historiques*. Paris: EHESS, 1990. Como argumenta Peter Burke, em sua análise sobre as idéias de Montaigne, esta foi também uma tendência do século XVI: "History taught psychology because human nature was, despite the diversity of customs and the difference between one individual and another, essentially the same". P. Burke. *Montaigne*. Oxford: Oxford University Press, 1994. p. 53. Para uma análise do gênero *Historia magistra vitae*, conforme praticada por Maquiavel, vide S. Wolin, Op. Cit. p. 232ss.

¹⁶ Cf. Maquiavel. *Comentários* (...). Op. cit., p. 18.

¹⁷ M. Viroli. Op. cit., p. 93.

a história de Maquiavel sofre de um dos males que tão bem caracterizam a precariedade do conhecimento histórico, precariedade muito bem distinguida por um historiador brasileiro, ainda que não tenha refletido sobre o caso específico de Maquiavel. Num ensaio crítico sobre o gênero de história desenvolvido pelo historiador inglês do pensamento político Michael Oakeshott, Evaldo Cabral de Mello afirma a tendência da cultura ocidental ter vivido, por longuíssimo tempo, sob o império de uma 'noção prática' do passado, em detrimento de uma relação ou domínio propriamente histórico dele. Para Oakeshott, esta seria a visada mais pertinente ao historiador, que não correria o risco de, fazendo história, fazer 'política retrospectiva'.¹⁸ Na análise de Evaldo Cabral constata-se que "... até o século XVIII e XIX, a humanidade existiu sem se dar conta do passado como algo distinto da sua instrumentalização pela existência quotidiana, pois a Antiguidade clássica e o Renascimento viram na história uma lição de coisas ou o espelho dos príncipes".¹⁹ Este diagnóstico distingue com acerto o cerne da problemática maquiaveliana, naquilo que diz respeito à dinâmica passado-presente haja vista que, ao escrever história, Maquiavel tonificava a sua teoria da ação política. Neste sentido o Maquiavel historiador personifica a atitude prática em detrimento da visão histórica, segundo o sentido a esta conferida por Oakeshott.²⁰

É provável que a concepção cíclica do tempo (*corsi/ricorsi*) seja o principal elemento que tenha guiado o historiador de Florença a abraçar o antigo esquema dos *exempla*.²¹ Outros fatores podem ser lembrados, como a sua compreensão da natureza humana e as pró-

¹⁸ Cf. o recente lançamento do livro de ensaios de M. Oakeshott, *Sobre a História*. Rio de Janeiro: TopBooks, 2003.

¹⁹ E. C. Mello. Filosofias da história. In: *Mais! Jornal Folha de S.Paulo*, Domingo, 09 de dezembro de 2003. (Seção Brasil 504 d. C.). p. 14.

²⁰ Na avaliação de Oakeshott, "The practical man reads the past backwards. He is interested in and recognizes only those past events which he can relate to present activities. He looks to the past in order to explain his present world, to justify it, or to make it a more habitable and a less mysterious place". M. Oakeshott. *The Activity of being a Historian*. In: —, *Rationalism in Politics and other essays*. London: Methuen & Co., 1967. p. 153.

²¹ Como afirma Koselleck, "On ne s'étonnera pas de voir le modèle cyclique antique, remis en honneur par Machiavel, bénéficier d'une évidence généralisée. La faculté de se répéter propre à cette expérience de l'histoire rattachait au passé le futur pronostiqué". R. Koselleck. *Op. cit.*, p. 31. Sheldon Wolin observa que "La idea de tiempo, en cuanto su significado residía en el proceso incesante de deterioro y renovación, se alejaba nitidamente de la idea cristiana del tiempo como una dimensión acumulativa guiada por la providencia hacia una realización culminante". S. Wolin. *Op. cit.*, p. 232.

prias normas do pensamento histórico válidas em seu tempo. Não que isto se constitua num vício do Maquiavel historiador. É apenas a visada específica de um autor que está amarrado aos cânones de sua cultura. Numa visão um pouco anacrônica, pode-se afirmar que lhe falta um elemento para fazer de sua história algo ainda mais avançado do que foi. E este algo é a perspectiva da espiral do tempo propugnada dois séculos mais tarde por Vico, a que o Iluminismo dará uma formulação bem mais completa.²² Desse modo, para ele, “o único método aceitável, em matérias políticas, é o histórico, ou seja, a maneira de focar os problemas do presente, e mesmo do futuro, à luz dos acontecimentos passados”.²³

Para Maquiavel, a política não se desenvolve numa dimensão cristã do tempo e do espaço, sendo desencadeada para atender somente aos exclusivos imperativos do Estado, de sua lógica e de sua razão superiores. Ele rechaça a visão teológica da história, e, por conseguinte, a ética que a acompanha. O interesse de Maquiavel é captar o sentido da história em eventos ocorridos no passado, à moda de Tucídides, para poder orientá-la, criá-la ou moldá-la para o futuro, segundo as necessidades do presente.²⁴ Ele identifica na história a mesma estrutura, válida em todas as épocas, a ponto de concluir que quem conhece uma sociedade conhece todas. Em suma, a *virtù* é uma espécie de “ginástica da vontade”,²⁵ que só algumas criaturas excepcionais desenvolvem num grau necessário para credenciar-lhes a transitar nas altas esferas da vida pública.

No tempo de Maquiavel, a história passa de um nível retórico-político a um discurso crítico que não pretende apenas expor e narrar fatos, mas ordená-los de forma coerente e racional, buscando um

²² Para J. P. Mayer, “Maquiavelo considera la historia como modelo y maestra de la realidad. (...) La historia fue maestra de Maquiavelo, precisamente porque éste no tenía una idea de progreso. J.P. Mayer. Op. cit., p. 87; cf. também Berlin. Op. cit., p. 136.

²³ R. Gettell. Maquiavel. In: —. *História das idéias políticas*. Lisboa: Editorial Inquérito, 1950. p. 165. Na análise de R. Romano e A. Tenenti, os esforços de Maquiavel “se orientaram a captar la oculta racionalidad de la historia, para comprenderla como pasado y poder crearla, al mismo tiempo, como porvenir”. Romano e Tenenti. Op. cit., p. 153.

²⁴ Na avaliação de Kenneth Rexroth, Maquiavel “Es el filósofo de la historia más sagaz después de Tucídides”. Segundo este autor “ambos creyeron que se podía enseñar historia para conducirse con propiedad”. K. Rexroth. *Recordando a los clásicos*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993. p. 151.

²⁵ J.-J. Chevallier. *O Príncipe*, de Maquiavel. In: —. *As grandes obras de Maquiavel a nossos dias*. Rio de Janeiro: Agir, 1999.

sentido, uma lógica para os acontecimentos. Há toda uma reflexão sobre os métodos a serem empregados pelo historiador-humanista. Maquiavel foi um dos maiores representantes no gênero. A história não é mais só exaltação de heróis ou puro relato de suas façanhas e glórias, mas explicação inteligível de um processo político que envolvia mais do que um grande personagem. Com o fortalecimento das monarquias absolutistas no século XVII, a Contra-Reforma irá contrapor-se a esta perspectiva crítica da história humanista. Mesmo a Revolução Científica é marco desse retrocesso. Para Descartes, a história, sendo uma ciência do particular, não era capaz de explicar coisa alguma. Daí ele ter sofrido um ofuscamento em seu rigor teórico-metodológico, voltando a ser obra quase exclusiva de panegiristas da nobiliarquia européia. Georges Gusdorf nos faz pensar que, "Na falta de uma metodologia precisa, determinando os alvos da pesquisa bem como sua direção e seus meios, a história mantém-se como gênero literário, antes que um saber organizado. Ela vai, assim, permanecer por um tempo fora da reforma epistemológica empreendida no século XVII pelos promotores do mecanicismo".²⁶

Curiosamente, ao longo do século XVI, a história crítica desenvolveu-se com os humanistas da Renascença européia, que se encarregaram de jogar por terra uma série de mitos como a "Doação de Constantino" e a "origem troiana dos franceses", buscando na crítica filológica, e em fontes mais idôneas, os acontecimentos do passado, mas desviando-se de uma filosofia teleológica da história, como, por exemplo, o "drama da salvação", explicação escatológica para o sentido e fim último da humanidade. Os humanistas italianos no século XVI desenvolveram uma perspectiva de tempo cíclico, alternando a história com períodos de luz e sombras, ignorância e esclarecimento, ascensões e declínios. Foi assim que a Idade Média se tornou um abismo de trevas, sucedendo e precedendo outra época de conquista e avanços.

Mas estas tendências formaram apenas um traço que não predominou no conjunto de uma literatura amplamente dominada por

²⁶ G. Gusdorf. *L'éveil du sens historique*. In: *Introduction aux sciences humaines*. Paris: CNRS, 1960. p. 189.

recursos de retórica escolástica transcendente e que, portanto, não pôde encontrar descendência no século XVII, época que marca o triunfo do Estado absolutista, instância que passa a requerer um discurso exclusivo sobre si mesmo. O gênero histórico que retorna com ímpeto no século XVII são os "romances de reis", com o elogio da monarquia e de seu núcleo sagrado: a realeza cristocêntrica de Jaime I, Robert Filmer e Bossuet. Em seus conceitos políticos Maquiavel *pecou* tanto por excesso, que acabou por fazer o humanismo entrar em rota de colisão com a visão religiosa predominante em sua época. Ao renegar o providencialismo, o *Deus ex machina* na história, ele desencadeou um debate secular entre sua obra e as várias tradições do pensamento político europeu. Bossuet foi um de seus melhores interlocutores, a propósito do príncipe por direito hereditário, renegando com fervor ultra-católico o princípio da *virtù*.

A história exemplar de Maquiavel nos coloca frente a uma noção conservadora, a de que as tradições são uma conquista dos homens e que é preciso preservá-las. Mais do que isto, as tradições formam a base para a estabilidade da ordem pública. Há nesse argumento princípios de sua teoria do conhecimento: ter acesso aos móveis reais dos grandes vultos, compreender os seus autênticos desígnios, eis uma fonte segura para se aproximar do melhor modelo de República. A vida fugaz das formas políticas no tempo de Maquiavel cobrava rapidez e objetividade nas decisões. Era preciso aprender rápido e cercar as ações de uma margem de segurança. Somente os grandes exemplos asseguram esta posição confortável. Um historiador da mesma geração de Maquiavel discordava deste enfoque. Trata-se de Guicciardini, numa referência implícita, ou melhor, numa admoestação um tanto quanto ácida ao amigo e conterrâneo: "Como se enganam aqueles que citam os romanos a cada passo. Seria preciso possuir uma cidade que tivesse exatamente as mesmas condições deles e agir segundo seu exemplo. Esse modelo é tão inadequado para aqueles desprovidos das qualidades certas quanto é inútil esperar que um burro galope como cavalo".²⁷ Segundo a análise de Haddock, "Foi este precisamente o problema que ocupou o contem-

²⁷ Guicciardini, citado em Burke, *O Renascimento* (...). Op. cit., p. 228s.

porâneo de Maquiavel, Francesco Guicciardini. Nas suas *Considerações sobre os Discursos de Maquiavel*, escritas em 1530, Guicciardini criticara a predileção de Maquiavel por utilizar teorias abstratas. O método de Maquiavel pressupunha que a Roma republicana constituía um padrão político perene contra o qual a decadência da Itália contemporânea podia ser convenientemente avaliada. Todavia, na opinião de Guicciardini, Roma florescera em circunstâncias tão diferentes que era utópico esperar uma renovação política nos princípios do século XVI aplicando lições colhidas na Antiguidade. As situações históricas não podiam ser comparadas deste modo, pois era insensato isolar preceitos do seu contexto.²⁸

Para Maquiavel, os mestres do passado representam esta base empírica inestimável para uma avaliação correta da realidade no tempo presente, que, devido ao instável contexto de Florença e da Itália, podem selar o destino de todos. Mas, se de fato os *exempla* são fonte segura do aprendizado político, é preciso que o sujeito do conhecimento possua virtudes para aplicar corretamente as lições do passado. Não basta apenas a sabedoria dos mestres em meio à estrada tortuosa e escorregadia da realidade.²⁹ A nau da República é uma engrenagem complexa e requer pulso, além de sabedoria. Se faltar energia ao timoneiro o navio passa a circular em zona perigosa, navegando numa margem estreita entre os rochedos e o abismo. Assim é que será preferível um tirano resoluto a um governo misto confuso.

Maquiavel viveu numa época de notáveis realizações da pesquisa histórica. Como analisa George Huppert em seu *The Idea of Perfect History*, o século XVI fundou a preocupação com a crítica rigorosa das fontes de pesquisa e o intercâmbio com outras disciplinas, com ênfase sobre a filologia, que permitiu a Lorenzo Valla desbaratar a fraudulenta Doação de Constantino. Maquiavel foi tocado por este movimento de renovação da história que, inclusive, nasceu nas cidades-Estado do Renascimento. Mas não é verdade que esta idéia de uma história perfeita se insurge contra as lendas e os mitos? Então,

²⁸ Haddock. Op. cit., p. 25s.

²⁹ "L'exhortation de Machiavel à admirer les Anciens mais aussi à les imiter, donna toute sa force à la résolution de continuer à tirer profit de l'histoire, parce qu'elle liait en une nouvelle unité pensée exemplaire et pensée empirique". R. Koselleck. Op. cit., p. 40.

como explicar que alguns personagens de Maquiavel sejam figuras lendárias? Isto tem chamado a atenção de seus comentadores. De fato, Rômulo e Teseu aparecem como figuras-modelares de príncipes. É razoável supor que estas criaturas mitológicas são abstrações intelectuais utilizadas pelo autor para ensinar o exemplo da virtude, ou seja, aquilo que se espera de personagens de carne e osso. Neste caso, importa mais o exemplo do que a corporificação histórica do modelo. Parte-se do princípio de que, em todas as épocas, os príncipes vivem os mesmos dramas e dilemas. Portanto, sempre será possível reutilizar as atitudes bem sucedidas dos outros.

Contudo, se Maquiavel acreditou nas possibilidades de uma história perfeita, segundo o modelo humanista, quais são os traços predominantes de seu método de análise? A crítica de sua documentação – os textos clássicos com Cícero, Políbio e Tito Lívio à frente – combina as técnicas disponíveis em seu tempo com uma visão idiossincrática da realidade. É desta idiossincrasia que surgem as cenas realistas dos espelhos de príncipes que encontramos tanto nos *Discursos* quanto em *O Príncipe*. É realmente impossível passar por cima das máximas e preceitos que, no limite, fazem recordar Plutarco e suas *Vidas Paralelas*. Trata-se dos *exempla* tão característicos deste gênero antigo de literatura do qual Maquiavel é seguidor e re-criador paradigmático. Os exemplos da “história exemplar” de Maquiavel são abundantes. O capítulo sexto de *O Príncipe* é notável a este respeito. A definição de história como mestra da vida aí se encontra bem dimensionada demonstrando, claramente, a sua natureza pragmática: “... o homem prudente escolherá sempre o caminho trilhado pelos grandes homens, selecionando os mais admiráveis, de modo que, mesmo sem atingir sua grandeza, se beneficiará de qualquer modo com alguns dos seus reflexos”.³⁰ Há de fato quem tenha pensado que seus dois livros mais importantes não passem de uma obra característica do gênero.³¹

Existem autores que reduzem os textos de Maquiavel a um espelho do príncipe, a um mero eco modernizado do passado, com a diferença apenas de terem sido concebidos com mais vigor, atualida-

³⁰ Maquiavel. *O Príncipe* – Estudos. Brasília: Editora UnB, 1982. p. 46.

³¹ Cf. Berlin. *Op. cit.*, p. 87.

de e talento. Apesar disso, o “estilo, o conteúdo e a intenção” não seriam diferentes da tradição. É uma tentação pensar desta forma, porque há muitas evidências destes traços em seus textos. Mas, se assim fosse, a tradição interpretativa de Maquiavel não teria chegado ao ponto que chegou. Há realmente algo mais em Maquiavel, um algo mais que o transformou numa galáxia do conhecimento, em contínua expansão. Retornando ao método de análise empregado por Maquiavel, é preciso incluir nele as leis gerais, que remetem à idéia de uma natureza humana fixa no tempo e no espaço, conforme o cristalino exemplo da metáfora natural que citamos em epígrafe. Este modelo culmina com alguns vigorosos golpes de retórica, aplicados estrategicamente como expediente de arrebatamento do leitor. Estes golpes de retórica são as máximas extraídas dos clássicos, que carregam em si o valor moral insofismável dessa ou daquela ação exemplar.

A concepção de *Historia magistra vitae* soa-nos como uma dessas excentricidades culturais perdidas na profundidade de séculos. É verdade. O gênero é algo que não compreendemos direito, algo exótico e improvável, quando avaliado apenas pelo prisma de nossos valores. Como seria possível pensar, depois de Heráclito e de sua teoria do movimento, que as circunstâncias se repetem, se não em idênticas ao menos em condições semelhantes? A imagem de um homem cruzando as águas de um rio também nos chega de um passado distante, e ainda hoje define a nossa concepção de história. Isto parece demonstrar que não somos tão originais quanto pensamos. A metáfora de Heráclito que interiorizamos – mesmo sem nos darmos conta disso – marca, por contraste, a nossa posição contra o gênero *Historia magistra vitae*. Acreditamos na irreversibilidade do tempo e a idéia de alteridade ajuda-nos a estabelecer a diferença qualitativa do que compreendemos como a dinâmica dos “tempos históricos”, segundo a definição de Reinhart Koselleck. Deste modo, o comércio das idéias, representado pela natureza transmissível da experiência, remete-nos a uma idéia de continuidade que reúne num bloco monolítico as três dimensões do tempo.

Assim é que a idéia de se reproduzir efeitos positivos no presente mirando em ações ocorridas no passado coloca-nos diante de um objeto – quero dizer, de uma concepção de história – que exerce a estranha atração de um Ímã. Então, uma lição que podemos extrair da idéia de um movimento não-linear da história, de uma espécie de eterno retorno do mesmo, é a de que devemos evitar a atitude a-histórica de considerar a ausência de uma idéia de progresso como um elemento que diminui a relevância da história pensada por Maquiavel. Contra esta tendência, que sabemos não ser sempre consciente entre seus comentadores, seria mais apropriado identificar as especificidades deste modelo de compreensão do tempo histórico, que dá origem a desdobramentos centrais no nível de uma teoria da ação em Maquiavel. De onde vem esta matriz de pensamento histórico, em quais circunstâncias históricas o modelo foi gerado, quais os seus traços distintivos, os elementos de suas transformações e por quais vias este gênero atinge o século XVI, e bem mais além?³² Os exemplos do passado formam um conjunto de lições necessárias e um útil campo de aprendizagem. No século XVIII, Voltaire – que é notado hoje como expressão incontestável de historiador moderno – afirmava que a sua *História de Carlos XII* serviria para mostrar o que deveria ser o exemplo de um príncipe. Neste caso, ele utilizaria as ações do rei da Suécia como fonte de inspiração para demonstrar a todos, mas principalmente aos poderosos de seu tempo, quais eram os vícios a serem evitados pelo príncipe ideal. Mais tarde ele escreveu a *História da Rússia* sob o império de Pedro, o Grande, obra na qual aprofundou as contradições do anti-herói Carlos XII.

Isto para afirmar que se aponta com freqüência a falta de “sentido histórico” no pensamento de Maquiavel. Mas, a rigor, o que significa isto? Ora, esperar encontrar na obra de Maquiavel uma idéia desenvolvida de progresso é uma atitude anacrônica, em sentido bem próximo àquilo que Oakeshott definiu – nos anos 60 do século pas-

³² Para recordar R. Koselleck, numa excelente definição do gênero, e numa avaliação de sua longevidade, “... l'histoire nous laisse libres de répéter les succès du passé au lieu de tomber présentement dans vieilles erreurs. C'est ainsi que l'histoire a fait figure pendant deux millénaires d'école (...). Jusqu'au XVIIIe siècle, l'emploi de notre expression (*Historia magistra vitae*) est un indice infallible de la permanence de la nature humaine dont les histoires se prêtent parfaitement à servir de preuves toujours réutilisables d'enseignement moraux, théologiques, juridiques et politiques”. R. Koselleck. Op. cit., p. 38s.

sado – como *practical attitude*, o que certamente leva ao pior dos mundos quando se trata do ofício de ser historiador.³³ Debitar esta “falha” como atestado de insuficiência da perspectiva do autor o é igualmente. Se a natureza humana é igual em toda parte – como ele acreditava –, e se esta é a ferramenta analítica que faz a cadência de seu tempo cíclico, aí já se encontra implícita a sua noção de sentido histórico, o que freqüentemente se tem negado a Maquiavel. A diferença pura e simplesmente está na evidência de que o seu sentido histórico não se assemelha ao nosso. E não é isto o que importa saber quando se pretende compreender idéias em contexto? Mais importante do que lamentar a ausência de tais elementos é tentar identificar as razões de sua ausência, o que ocorre com bem menor freqüência.

Extraír a concepção cíclica do tempo da teoria da ação política de Maquiavel é como retirar o ar que ele respira. O resultado prático é que o seu pensamento histórico e político – e é bom lembrar que Maquiavel foi, sobretudo historiador e não propriamente filósofo político – ficaria sem atmosfera. Então, a dita falta de sentido histórico na obra do autor dos *Discursos* não deve ser vista como uma limitação ou uma barreira, mas como o leito natural por onde têm curso livre as suas idéias, tão circunstanciais quanto a visão mecânica de Hobbes, a concepção orgânica de Bossuet ou a de qualquer outro autor igualmente marcado pelas contingências de seu tempo. Aliás, é de se pensar qual teria sido a fortuna crítica de Maquiavel se ele tivesse pensado a história fora dessa moldura rígida de uma natureza humana eterna. Uma resposta plausível, dentre muitas outras, é que ele não seria o Maquiavel que se conhece e, certamente, seria bem menos interessante do que é de fato.

³³ Defendendo o que compreendia como *historical attitude*, Oakeshot afirmava: “Certainly the disposition of our time is to regard the events that take place before our eyes as evidence for past events, to understand them as ‘effects’ and to turn to the past to discover their ‘causes’; but this disposition is joined with another no less strong, the propensity to assimilate the past to the present. Our predominant interest is not in ‘history’ but only in retrospective politics”. M. Oakeshot. *Op. cit.*, p. 165.